



MEMORIAL ACADÊMICO¹

Denise de Lino de Araújo

Doutora em Educação Universidade de São Paulo

Universidade Federal de Campina Grande

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino

Unidade Acadêmica de Letras

Tutora do PET-Letras 2007-2012

denise.lino@professor.ufcg.edu.br

Creio ser prudente começar este memorial com uma pergunta reflexiva, a fim de situar o ponto de vista que o orienta: o que é um memorial?

Tomando como referência a teoria dos gêneros textuais numa perspectiva linguística (Bronckart, 2003, Marcurschi 2002), a pergunta pode ser feita de outro modo: como se define e se caracteriza o gênero memorial? De acordo com essa concepção, que entende os gêneros como enunciados relativamente estáveis, caracterizados por temas, estilo e formas composicionais (re)estabelecidas conforme as pressões sociais, o memorial pode ser definido como um gênero de texto de teor reflexivo-interpretativo, no qual se relatam lembranças individuais e coletivas, segundo um ponto de vista em que passado e presente podem se tornar indistintos, caracterizando-se, portanto, como um gênero narrativo. Na esfera acadêmica, é um gênero narrativo-reflexivo. É nesse sentido que memorial é aqui entendido e este texto foi escrito tendo em vista atender a essas características.

Sendo um gênero narrativo-reflexivo, para torná-lo menos denso, ideal seria que tivesse certo viés literário, mas esse não faz parte das minhas habilidades como escritora. Tomo como inspiração *Metamemórias* (Soares, 1991) – um clássico escrito como memorial acadêmico para o exame para professora titular da Faculdade de Educação, da UFMG.

Respondida a primeira pergunta, outra se apresenta: por onde começar? Seguindo a minha formação de linguista, vou escolher um critério: o tempo. Como esse é um memorial acadêmico escrito com a finalidade de fazer a minha apresentação para o

¹ Texto submetido à seleção para tutor do PET LETRAS, UFCG, em 2007.

Comitê Local de Acompanhamento do PET\UFCG, no âmbito do processo seletivo para tutoria do PET LETRAS, UFCG, em 2007, escolho como critério descrever e refletir sobre as minhas experiências docentes nos últimos três anos; exatamente o mesmo período sobre o qual se debruçará a análise do meu *Curriculum Lattes*.

Antes de dar início ao memorial propriamente dito, creio que algo mais importante precisa ser dito: por que eu quero ser Tutora do PET Letras? Será que cabe aqui dizer *eu quero* ou *eu gostaria*? Para ser elegante e seduzir os leitores, eu deveria dizer *eu gostaria...*e certamente todos entenderiam que *eu quero* e não que eu já quis e não quero mais, portanto, esse futuro do pretérito como modalizador, nesse caso, não encobriria um desejo que se desvelou em 2005, quando tive a oportunidade de ser Tutora substituta, enquanto o atual Tutor, o Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves, licenciou-se para um estágio de pós-doutorado. Nas reuniões com os integrantes do grupo, percebi como me fascinava esse processo de acompanhar de perto a formação de alguns alunos, que é uma retomada clara da relação mestre-discípulo ou tutor-tutelados, já não mais permitido pelo cotidiano da graduação. Exemplifico: com 40 alunos em sala de aula, em disciplinas como Linguística I, Teoria da Literatura I, por exemplo, é impossível reproduzir essa relação; soma-se a esta possibilidade a descartabilidade (sic) da relação, pois, de modo geral, mesmo os alunos iniciantes, os matriculados em Linguística I e Teoria I, parecem vir à Universidade apenas para assistir aula e nada mais, e os professores (não todos) parecem vir para vendê-las (isso mesmo: vendê-las! Quando preço cai muito no mercado, eles mudam de patrão, de seguimento de atividade ou cruzam os braços, quando permanecem. Com isso, não expresso aqui minha posição contra ou a favor das greves, apenas reflito sobre o quanto se proletarizou a nossa profissão).

Orientar alunos, acompanhar de perto sua formação é atividade inerente à ação dos Mestres, dos educadores... Assim tem sido, desde os antigos gregos. O programa PET permite restaurar, em parte, essa relação ao disponibilizar a 12 alunos² a experiência de formação inicial acompanhada e ao tentar (re)criar na graduação uma experiência que por muito tempo, no Brasil, era exclusiva da pós-graduação: orientação, grupo de estudo, pesquisa, participação em eventos, publicação.

Exercendo a tutoria do PET, em substituição ao Prof. Hélder, pude refletir de modo intenso e vivo sobre a importância desse programa, não apenas para o Curso, para

² No caso do curso de Letras, são 12 alunos entre 400 atualmente matriculados, segundo informado pela coordenação.

o Tutor, mas para a vida dos petianos, e pude compreender por que antigamente um grupo de alunas do PET se auto-referia como as “pupilas do senhor tutor”. Elas não estavam fazendo apenas um trocadilho com um clássico da literatura, estavam expressando uma verdade, talvez inconsciente, para elas próprias.

Não tenho também a ilusão de que o PET seja a ‘salvação’, mas creio na ação transformadora do trabalho, no poder de modificação das ações sistemáticas, planejadas tal como se faz nesse programa e na experiência humana como a mais importante de todas. Portanto, ser Tutor do PET é, no meu entendimento, ter a experiência de (re)viver a dimensão humana na graduação em meio à massificação do processo inicial de formação. Em minha opinião, esta é uma experiência fundamental na formação de professores. E é por isso, em suma, que desejo ser Tutora do PET.

Isto posto, passo, então, a descrever o que fiz e que, acredito, me credencia a tal lugar.. Começo pelo Doutorado. Com tal título posso concorrer à vaga, como os demais colegas da Unidade Acadêmica de Letras - CH (UAL/CH), que são 7 em Linguística e mais 3 em Literatura, mas prefiro argumentar por que esse doutorado é um diferencial nesse processo de concorrência, embora, hoje, ele não me desse a chance de concorrer para uma vaga de professor adjunto, caso eu ainda tivesse de fazer concurso para a Unidade Acadêmica na qual estou lotada.

Fiz doutorado em Educação, na USP, de 2000 a 2004. Defendi uma tese cujo título é “Um ‘professor’ no horário nobre: estudo da explicação em telejornais” (inédita). Nesse trabalho, eu discuto como e por que a televisão no Brasil funciona para grande parte da população como uma espécie de ‘professora’. Analisei especificamente o caso do ‘apagão’ de 2001, porém o arcabouço analítico utilizado pode ser aplicado a qualquer outro tema da atualidade (Lino de Araújo, 2004).

Diferentemente da tendência atual, esse foi um doutorado à moda antiga em Ciências Humanas, ou seja, não se restringiu à especificidade da área da pesquisa, mas constituiu-se num doutorado em educação, que se valeu das contribuições da Linguística Aplicada e da Linguística da Enunciação bem como dos Estudos da Comunicação Social para a discussão dos dados. Na fase preparatória, pude cursar duas importantes disciplinas: *Memória e Memórias de Formação e de Leitura*, e *Antropologia Televisual*. Nessas disciplinas, e com o trabalho realizado para integrá-las, pude aprofundar uma tendência que já vinha construindo na minha formação: a interdisciplinaridade. O melhor da Linguística para mim sempre foi a sua fronteira com outras áreas do saber, especialmente com Sociologia, Antropologia, Comunicação

Social e História. Por isso, considero singulares os diálogos travados nas aulas com os especialistas dessas áreas. Graças a eles, hoje, eu posso ler não só Linguística, mas textos de ciências afins quase como se fossem “sardinhas na minha brasa”. Se as Ciências Humanas são a nossa fonte, como caminhar pelos córregos sem saber de onde vêm e para onde vão?

Essa formação interdisciplinar tem se evidenciado na minha atuação como professora do Programa de Pós-graduação em Linguagem em Ensino. Recentemente, sugeri a três alunas da disciplina Metodologia da Pesquisa em Língua e em Literatura que procurassem cursar disciplinas no Programa de Pós-graduação em Sociologia. Uma delas deveria fazer Cultura Popular, pois eu não entendia como ela faria dissertação sobre esse tema sem “assuntar” o que os antropólogos dizem sobre o mesmo, as outras duas deveriam fazer etnografia e história oral, já que estavam trabalhando com trajetórias de formação. Essas duas últimas, apesar das iniciais reações delas mesmas e de alguns dos nossos colegas, foram adiante e confirmaram que nem só de Linguística vive essa disciplina.

Se faço jus à concorrência porque tenho Doutorado em Educação, acho que ele não diz tudo. A pergunta que apresento agora é: e depois do Doutorado, o que fiz? Depois de um Doutorado, voltando para uma Universidade como a nossa, faz-se de tudo um pouco. Aliás, para ser sincera, faz-se de tudo “um muito”. Ainda mais numa Universidade em fase de consolidação como a nossa; pois, eu saí para o doutoramento numa instituição e voltei em outra³. De modo geral, parece que paira uma compreensão tácita de que quem estava fora estava na vida boa ... aliás, era mesmo boa a vida de estudante profissional dirigindo a própria pesquisa. Uma maravilha! Mas como tudo na vida tem seu ciclo, esse se encerrou para que outro se abrisse.

Com o (re)ingresso na UFCG, em Março de 2004, voltei para a sala de aula da graduação, ávida por aulas, por alunos, estava com uma vontade danada formar grupos novamente. Tinha vívida lembrança de um grupo de sete orientandos reunidos em função um mesmo projeto – Telenovelas, Telejornais e Ensino – , sendo dois orientandos-bolsistas do PIBIC, pois antes de 2000 os professores mestres podiam participar desse programa, quatro de Redação Científica e um do PET.

Nesse retorno, nem a Universidade era a mesma, nem os alunos eram os mesmos, nem eu era mais a mesma pessoa, nem a mesma professora. Tive de me

³ Refiro-me à criação da UFCG, como desmembramento da UFPB, em 2002.

adaptar ao que chamei de realidade chocante, em certa reunião de Departamento. Eram outros tempos... com PEC⁴, curso noturno, muitos professores substitutos e recurso nenhum. Aulas eram em salas com quadro e giz, quando grande parte do trabalho de preparação, ministração e acompanhamento das aulas já dependidas de computadores, tanto para os professores quanto para os alunos. Mas tempos áridos também têm sua beleza, fui de novo me encantando... ou talvez eu tenha uma vocação natural para achar o encanto do trabalho que se faz em condições adversas. Desde então, tenho ministrado disciplinas na graduação, entre elas Linguística I, Redação Científica, Linguística III, Prática II.

Como eu não era mais a mesma, interessava-me por outras relações entre ensino, pesquisa e extensão. Para unir as várias frentes de trabalho, organizei o projeto de pesquisa *Redações do Vestibular da UFCG*, como parte integrante de um projeto maior - *Vestibular da UFCG: avaliações, influências e discursos* – do qual outros três colegas participavam com seus orientandos. Para fazer a integração entre esse projeto e a graduação, solicitei à área de Língua Portuguesa e Linguística da UAL que eu pudesse ministrar a disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Prática II). Já se vão três anos e, se não me engano, cinco semestres na prática de ensino. Essa experiência chegará ao fim no encerramento do período letivo em curso, já que o projeto está na fase final de consolidação.

Como nada ocorre por acaso, a disciplina levou-me a procurar alternativas para o estágio dos graduandos que também me fizessem (re)pensar os dados do projeto sobre Redação no Vestibular. Encontrei esse espaço no Programa Vestibular Solidário da UFCG. Resolvido esse problema, ele não era mais do que um dos lados da questão, pois eu discutia os dados com graduandos e eles com seus alunos, mas não com professores de ensino médio que, em meu entendimento, deveriam se interessar pelo tema e deveriam ser ouvidos. Como encontrá-los para ampliar o debate?! Para isso, organizei com a Professora Karine Viana (também professora de Prática de Ensino) um projeto de extensão vinculado ao Prolicen⁵ - *Articulando Saberes na Prática de Ensino: formação pré-serviço e continuada de professores de língua portuguesa*, que teve duração de dois anos e ofereceu resultados muito positivos, sobretudo no ano I, quando conseguimos aplicar na prática de ensino as mesmas sequências que propúnhamos para serem

⁴ Programa Estudante Convênio. Tinha por objetivo apoiar professores leigos na consolidação de uma licenciatura.

⁵ Programa de apoio à licenciatura

aplicadas por professores da rede pública. Sequências inspiradas nos resultados da correção de provas de vestibular na UFCG e discutidas com esses docentes. Nesse sentido, vivi a experiência de retro-alimentação entre o ensino, pesquisa e a extensão. Essa experiência tornou-se tão profícua que rendeu a organização do primeiro volume de uma revista amadora que chamamos *Práticas*, publicada com apoio da Editora da UFCG, em Junho de 2006.

Porém, isso tudo ainda é só parte da “coisa”, não é a “coisa toda”. Houve a pós-graduação. Esse talvez tenha realmente sido o desafio, ao qual está ligado detalhe curioso: ao longo de todo do doutorado, eu me perguntava quando é que alguém se sente doutor? Doutorado concluído, fiz essa pergunta a vários colegas, que riam, inicialmente, mas depois davam respostas reflexivas, embora nenhuma delas me preenchesse. Com ou sem resposta, passei a integrar o grupo da Pós-graduação em Linguagem e Ensino, na condição de docente permanente. Integrei-o já no seu nascedouro como membro da comissão da primeira seleção, em seguida, no primeiro semestre da existência do Programa, lecionei Teorias da Leitura, depois Metodologia da Pesquisa (duas vezes), na sequência Letramento e, neste último período letivo, Seminários de Pesquisa. Integrei várias bancas de qualificação da primeira turma e depois as bancas de defesas. Coincidentemente, recordo-me agora que a primeira banca de qualificação e, posteriormente, a de defesa de que participei foi a de uma ex-orientanda de graduação, que fizera parte daquele grupo de 7 alunos a que me referi e que era ... do PET Letras.

Encontrei a resposta para a pergunta que tanto me inquietava numa situação que talvez seja o avesso de meu avesso⁶ e o avesso da pós. Trata-se da orientação de uma aluna de graduação, PEC, noturno, que mora na zona rural de uma pequena cidade do compartimento da Borborema, que não tem computador, que mesmo tendo cursado Letras, se não se monitorar, diz *nóis vai e o povo foram* e ainda é capaz de copiar concordância verbal errada, mesmo tendo o certo como referência. Lembro-me das primeiras orientações, quando ela trazia tudo escrito a mão, às vezes de grafite, e eu punha a correção em cima. Começou a ficar tudo tão borrado, que decidi eu mesma digitar, para facilitar, claro, a minha vida!

Todavia, no decorrer das orientações percebi que ela tinha domínio dos dados, pois respondia com acuidade às perguntas que lhe fazia, assim o feitiço virou sobre o

⁶ Relendo para essa publicação, retifico o que disse sem apagá-lo: a aluna não era meu avesso, nem eu o dela. Eu fui como ela aos olhos de outros com outras histórias de letramento.

feiticeiro e o discípulo conquistou o mestre. Eu passei a gostar de digitar o texto para aquela moça, cujo vocabulário era limitado, mas a inteligência era singular e a alma, como disse Fernando Pessoa, não era pequena. Do natural distanciamento de um processo de orientação, passamos a cumplicidade de um trabalho em co-autoria. O dia de sua defesa (algo comum para mim, que já contava com mais de vinte trabalhos de graduação orientados e outro de Mestrado) trouxe a resposta: ser doutor é ser o ajudante da escultura científica que cada aluno tem a fazer dentro de si. Nesse caso específico, creio que consegui. Com esse episódio, aprendi que nem sempre o mais importante trabalho de orientação está na pós-graduação.

Além da atuação como professora da pós-graduação, exerci, nesse interregno, a Coordenação de Pesquisa e Extensão (CPEX) da UAL. A pergunta aqui seria: como é que eu fui me meter nessa?! Justo eu?! Eu teria todas as razões para não integrar a coordenação colegiada da Unidade, pois a burocracia me tira do sério, não presto atenção a detalhes, só apreendo o todo; sou profundamente inconformada com o atual modelo de gestão da iniciativa pública, para o qual vale o provérbio popular “cada um por si e Deus por todos”. O fato é que nem mesmo agora, refletindo, eu encontro as razões pelas quais aceitei participar. O fato é assumi até recentemente, dia 20 de junho, por quase 36 meses, a Coordenação de Pesquisa e Extensão. Essa Coordenação é uma das criações do estatuto da UFCG, e, no caso da UAL, não há ainda nenhuma estrutura física para abarcá-la, não obstante haja um histórico de atividades de extensão e de pesquisa. Também não há ainda uma memória de gestão integrada dessas atividades. Portanto, essa coordenação, nesse primeiro triênio da sua existência, abarcou parte das atividades da UAL relativas à promoção de atividades de extensão nas modalidades cursos e projetos; além disso, responsabilizou-se pelo gerenciamento do grupo de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino e pela gestão do Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e de Literatura (LAELL), que é uma biblioteca setorial com quase 7 mil exemplares. Ufa!!

Isso é quase a “coisa toda”... mas há mais. À frente da CPEX, participei das comissões organizadoras do IV e do V Seminários sobre ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura (SELIMEL), em 2005 e 2007, respectivamente. Essas duas últimas realizações do SELIMEL foram importantíssimas para mim, não só porque o trabalho realizado com o grupo ajudou a consolidá-lo como um evento nacional (e eu gostei muito de ter feito parte dessa história) quanto porque, enquanto docente do ensino superior, pude viver a experiência de divulgação do conhecimento para um

grande público. A minha conclusão, hoje, é a que de que se tivéssemos tempo e dinheiro, deveríamos realizar um evento desse a cada ano, pois a formação do professor, de modo geral, tem muitas limitações. Para fazer desta, novamente, uma terra de pioneirismo e empreendedorismo, urge apoiar a educação. Essa saída é antiga e conhecida, até parece conselho de articulista de VEJA, que está sempre dizendo que se deve investir em educação, porém é a mais pura verdade: os Iluministas tinham razão!

Por conta da CPEx, passei a liderar o grupo de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino, grupo certificado pela UFCG e credenciado pelo CNPq. Para dar visibilidade a esse grupo e à sua produção, organizei Colóquios, nos quais professores e alunos pudessem apresentar seus trabalhos de pesquisa, concluídos ou em andamento. Eu mesma sugeri o nome ... *colóquios* ... pensando em dar um ar mais acadêmico ao debate de textos – a atividade pouco realizada no âmbito da UAL, nos últimos tempos. O termo debate me parece sempre com embate, para o qual as pessoas já vão dispostas à luta. Pretendia discutir e apresentar as pesquisas do grupo. Organizei alguns vinculados ao PET, aproveitando a experiência que o grupo tem de mobilização da comunidade acadêmica para a discussão de textos, mas eu e os colegas interessados fomos atropelados pelos múltiplos afazeres docentes, ... fica a idéia!

Para completar o “todo”, nesse ínterim, passei a integrar a Comissão de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Letras. Só essa comissão e esse projeto já dariam um Memorial. Talvez algum dia alguém tenha mesmo de escrevê-lo, tal as reviravoltas vividas. Quero apenas destacar que essa tem sido uma experiência importantíssima para a minha formação como docente do ensino superior, pois me desafia a integrar interesses – que Curso de Letras eu penso que deve ser oferecido? Que curso de Letras a comissão consegue delinear e que curso(s) querem os alunos e os professores da UAL? – em diferentes tempos: passado-presente-e-futuro. Passado, porque o Curso tem uma história e uma identidade, das quais não deve abrir mão totalmente. Presente, porque há várias situações que vemos não mais funcionar e outras que devem ser preservadas, seja porque não sabemos fazer diferente, seja porque é dessa forma que as condições materiais permitem que possam ser realizadas. E futuro, porque o Curso tem de sobreviver às ondas, aos modismos, às exigências burocráticas sem perder a essência.

Creio que a “coisa toda” se complementa quando lembro que esse último ano foi tomado, em parte, pelas preocupações com o funcionamento do Projeto Mídias Integradas na Educação. Trata-se de um curso de extensão, na modalidade a distância,

para professores da rede pública. Esteve em funcionamento de setembro do ano passado até junho deste ano. É importante dizer que a Prof. Karine Viana teve uma participação muito mais relevante do que eu nesse curso, pois coordenou toda a parte da tutoria, colocando e tirando do ar os módulos de trabalho, acompanhando o trabalho de tutores e de alunos. Acabamos, eu e ela, nessa “empreitada” porque, segundo depoimento dos próprios colegas, somos digitalmente letradas e capazes de resolver o imbróglio. Na verdade, o imbróglio nem era esse, era (será) um curso de graduação a distância a ser oferecido em consórcio com a UNB e UECE, que pode ser autorizado pelo MEC a qualquer momento. Nossa pergunta era: como a UAL ofereceria tal curso sem que nenhum dos seus docentes tivesse experiência com ensino a distância? Acabamos nos envolvendo com o Mídias, porque, nesse caso, vale a lei da química às avessas: não são os opostos que nos atraem, mas os afins. Já tínhamos uma relativa experiência com computadores, estávamos cotadas para a graduação a distância, resolvemos então começar a experimentar em algo menor ...um curso de extensão que pudéssemos acompanhar pormenorizadamente (mania de linguista de controlar os experimentos, até onde for possível).

Esse curso nos levou a enfrentar sérias discussões na UAL. Temos fortes oponentes a essa iniciativa. Temos a certeza que ela tem lacunas, devido a nossa própria inexperiência, mas, hoje, colecionamos muito mais saberes do que há um ano. Parte disso se revela nos blogs⁷ que organizei para as disciplinas que estou ministrando neste semestre. Os blogs parecem ser uma saída para a restauração do contato professor-aluno quando não temos turmas tão grandes. De modo geral, têm se mostrado como recursos incentivadores para os alunos, têm auxiliado no desenvolvimento da escrita dos graduandos e na organização de trabalhos finais de disciplinas como Prática II.

Por fim, creio que a pergunta que não quer calar deve vir agora: o que eu posso fazer pelo PET Letras? Tenho certeza de que substituir ao Prof. Hélder na tutoria do PET não será uma tarefa fácil para nenhum docente. Não só pelo carisma nato de que é portador, mas pela competência. Hélder dispensa comentários e dois fatos falam por ele: seu *Curriculum Lattes* e a inspiradora comunidade virtual⁸ criada por seus ex-alunos “Fui aluno do Professor Hélder”. Casualmente encontrei essa comunidade outro dia, enquanto postava um tópico para a discussão na comunidade do curso de Letras. Li a

⁷ <http://telufcg.blogspot.com> e <http://pratica2ufcg.blogspot.com>

⁸ Comunidade na rede Orkut, já extinta.

definição e os depoimentos e fiquei com vontade de entrar lá só para dizer: eu não fui aluna do professor Hélder, mas gostaria muito de ter sido.

Substituí-lo, portanto, é desafiador para mim e para me encorajar tive de pensar as coisas em separado: estou me candidatando a ser a Tutora do PET Letras e não do PET Hélder (comunidade formada por petianos, ex-alunos, orientandos, colegas, poetas, ilustradores, livros infantis, cantadores, repentistas, cordéis, sensibilidade, responsabilidade e uma risada franca) lugar em que ele será, com méritos, insubstituível! Separados os domínios, creio que posso contribuir sugerindo ao grupo que está na hora de “cair na rede”, ou seja, acredito que o grupo deve ter um *site* onde as pesquisas e as atividades de extensão (cursos de redação e literatura) sejam divulgadas. Essa é uma tarefa para qualquer Tutor nesse momento. Além disso, penso que posso contribuir mais decisivamente, nesse momento, apresentando aos alunos um tema para a discussão e estudo: formação de professores. Curiosamente, nossa licenciatura ainda tem muito de bacharelado e precisamos pensar mais na formação – por quais caminhos?, com quais saberes?, que temas? –, a fim de que a formação tenha algo mais de processual, ao longo do curso, do que de produto final, nos dois últimos semestres.

Com isso, retomo não só meu doutorado na Faculdade de Educação, mas a minha graduação em Letras, quando já acreditava no professor-pesquisador, retomo a experiência recente como professora da Prática de Ensino que insiste com os estagiários para que escrevam relatos de suas experiências docentes como parte de suas experiências de vida, porque nela nada ocorre por acaso, tudo se encadeia no universo.

Dito isto, penso que ao fim escrevi um Memorial.

Referências

BRONCKART, Jean-Paul. **As atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2003.

LINO DE ARAÚJO, Denise. **Um ‘professor’ no horário nobre: estudo da explicação em telejornais**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, Abril de 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **Gêneros textuais e ensino**, v. 2, p. 19-36, 2002.

SOARES, Magda. **Metamemórias**: memórias. Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.